

As personagens femininas nos textos canônicos: uma análise de Videiras de Cristal

Profa. Doutoranda Ludmila G. Ribeiro de Mello¹ (UNESP)

Resumo:

*Não podemos deixar de lado o fato de que toda produção artística está intimamente relacionada ao contexto de sua produção e a seu produtor, assim, tendo à mulher sido negada a escrita ao longo dos séculos, pode-se afirmar que o cânone é formado pela visão masculina. Dessa forma, todas as personagens femininas foram, por muito tempo, criadas e difundidas pela ambivalente visão masculina do que é ser-mulher: ou ela é “anjo” ou “monstro”, isto é, ou segue os padrões impostos a ela pela sociedade ou foge deles. Este trabalho questiona se existe hoje liberação das mulheres, enquanto personagens ficcionais, dos estereótipos pertencentes principalmente à ótica masculina, tendo como corpus o romance histórico **Videiras de Cristal** (1990) de Assis Brasil.*

Palavras-chave: personagens femininas, Assis Brasil, Videiras de Cristal

1 Introdução

Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos.
Agora somos nós que vamos dizer o que somos.
(TELLES apud COELHO, 1993, p.14)¹

Ao se deparar com essa afirmação de Lygia Fagundes Telles, e usada aqui como epígrafe, sobre a emancipação literária feminina, pode-se questionar se realmente existe hoje liberação das mulheres, como personagens ficcionais, dos estereótipos pertencentes principalmente à ótica masculina.

O tema aqui discutido faz parte de um estudo maior, o qual terá como resultado uma tese de doutoramento: a questão da autoria na criação de personagens femininas, mais especificamente, se essa representação se daria de forma diferente quando feita por autores ou autoras, comparando duas obras contemporâneas, a saber, **Videiras de Cristal** (1990), de Assis Brasil e **Amrik** (1997), de Ana Miranda.

De maneira geral, considera-se que é somente a partir de Clarice Lispector que a voz feminina passa a ocupar um espaço reconhecidamente significativo na cena literária brasileira. Até então, poucas e esparsas vozes femininas conseguiram se fazer ouvir, sem chegar sequer a constituir uma tendência, pelos motivos sócio-históricos de todos conhecidos, ou seja, se a mulher escritora “invadiu” de forma ampla apenas recentemente o meio literário, todas as representações femininas deixadas pela literatura ao longo da história foram criadas por olhares masculinos, assim nos parece uma contribuição válida tentar determinar como o autor contemporâneo representa a mulher na literatura, aqui exemplificado pela obra **Videiras de Cristal** (1990), de Luiz Antonio de Assis Brasil.

Jacobina, protagonista da obra de Assis Brasil, é filha de imigrantes alemães que vivem no sul do país durante o fim do século XIX e envolve-se numa guerra religiosa que move o romance **Videiras de Cristal**.

Jacobina Maurer, mulher do curandeiro local e vista por todos como frágil e doente, devido aos seus surtos de sonambulismo, passa a catequizar, recitando a Bíblia. Primeiramente, o faz aos doentes que se tratam com seu marido, o conhecido *Der Wunderdokter* (Doutor Maravilhoso). Suas explicações do texto sagrado logo se aliam a indicações de cura, atraindo cada vez mais fiéis a sua casa. Com o crescimento do

número de adeptos, ela mesma intitula-se “enviada por Deus”, formando uma pequena seita e comunidade aos pés do morro do Ferrabrás, onde vive. Com isso, passa a ser vista, por seus seguidores como “Cristo-de-saia”, e como “bruxa aliciadora” por seus opositores. O padre e o pastor tentam amenizar a situação coagindo seus fiéis, mas o grupo de Jacobina só faz crescer e ganhar força.

Dessa forma, em meio a interesses políticos e religiosos, instaura-se uma verdadeira guerra na colônia de Padre Eterno, que culmina com a presença do exército Imperial, o qual acaba por dizimar a seita liderada por Jacobina. O romance é narrado, em sua maior parte, em terceira pessoa, embora conte com cartas em primeira pessoa, que se intercalam à narrativa principal.

2 As personagens femininas de Assis Brasil

“Se historicamente estivemos ao lado dos homens na construção do mundo, por que não podemos nos sentar à mesma mesa, quando chega o momento de usufruir?” (BRASIL, 1997, p. 239)²

A partir desse pequeno trecho do discurso de Luciana de Abreu, transformada em personagem de breve passagem na obra **Videiras de Cristal**, é que se iniciará a discussão sobre a construção das personagens femininas do autor Assis Brasil.

Luciana Maria de Abreu foi escritora e educadora gaúcha no final do século XIX, contemporânea, portanto, ao episódio *mucker*. Foi a primeira mulher a subir em uma tribuna para defender a emancipação feminina na Sociedade Partenon Literário, para a qual foi convidada como membro. Ela foi, assim, uma precursora na luta pelos direitos da mulher no Rio Grande do Sul.

O trecho transcrito na epígrafe foi retirado das páginas do romance de Assis Brasil, no qual a escritora, enquanto personagem, aparece discursando na tribuna do já citado clube literário. Diante da “contundência da fala” de tal mulher muitos dos homens presentes “olhavam para o friso das próprias calças” (p. 239), pois, afinal, o conteúdo da explanação ia de encontro aos próprios cavalheiros. O narrador homodiegético, que neste momento é o Dr. Fischer, afirma, após a transcrição da fala da escritora, que Luciana é ouvida por esse punhado de senhores para que eles possam comprovar seus “ideais libertários”, ou seja, não acreditavam na escritora ou respeitavam as ideias dela, mas sim, toleravam-na para provarem serem verdadeiros Liberais.

Esse paradoxo entre pensamentos e ações fica claro na narrativa desse episódio feita por Christian Fischer em uma de suas cartas ao tio que vive na Alemanha, isto é, quando a plateia aplaude o discurso de Luciana de Abreu, o médico percebe que a escritora é tolerada pela sua necessidade na causa dos presentes, mas não reconhecida pelas ideias dela própria.

Essa situação pode ser vista como uma metáfora para a situação feminina na região Sul do Brasil, uma vez que, a mulher era vista como “um mal necessário”, pois, embora normalmente desprovidas de autoridade, elas eram essenciais em uma terra na qual os homens passavam grande parte do tempo fora das estâncias, por exemplo. No Rio Grande do Sul, fatores como as guerras e as disputas de território, permitiram à mulher uma maior liberdade. Como podemos verificar na afirmação da pesquisadora Joana Maria Pedro:

A existência de inúmeros conflitos e batalhas realizados neste território deu aos homens destaque nas atividades políticas e nas guerras. Entretanto, a ausência masculina no lar exigiu que as mulheres assumissem a direção dos empreendimentos e mantivessem

a sobrevivência da família, transpondo assim os limites das tarefas definidas usualmente para seu sexo. (PEDRO, 2006, p. 280)³

No entanto, sua vida pública, como a participação nos âmbitos culturais e políticos, ainda era restrita. Aquelas que conseguiam permear tais lugares eram comumente taxadas de promíscuas, um estereótipo recorrente, como Assis Brasil muito bem transporta à ficção no romance em análise:

Karl Von Koseritz me disse ao ouvido que Luciana de Abreu é famosa em toda a Província por suas idéias. Muitos a consideram uma prostituta, lamentam a sorte do marido. (BRASIL, 1997, p. 239)

Se isso ocorria nas grandes cidades, entre cidadãos que se enxergavam como revolucionários, como representado em **Videiras de Cristal**, o que esperar dos homens comuns, dentro de pequenas comunidades, como é o caso da colônia de Padre Eterno.

Durante todo o processo de colonização, no qual famílias inteiras chegavam ao Brasil, as mulheres passaram a ter, em muitos casos, papel central. A economia pecuária do Rio Grande do Sul levava os homens da casa a tornarem-se nômades em busca de pastagem ou transportando gado para a venda, assim, a manutenção e o cuidado com a estância ficavam exclusivamente em mãos femininas. Em outros casos, mesmo na presença dos homens, cabia às mulheres, além dos afazeres domésticos, também parte do trabalho considerado produtivo, como é possível constatar em estudos históricos sobre aquele período:

Inúmeras cartas de colonos para a Alemanha apontavam a importância dessas mulheres. O próprio coordenador da Colônia indicava: "... o imigrante que trabalha na terra, necessita do auxílio de uma mulher e boa dona de casa [...] uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia". Além disso, procurava alertar os emigrantes: "... procurem trazer uma esposa com prendas domésticas e que não seja muito habituada a cidades grandes". (PEDRO, 2006, p. 288)

As mulheres tornaram-se essenciais nesse contexto em que a ausência masculina era constante e no qual o trabalho doméstico era imenso e o único conforto da família. Sua importância dentro da propriedade era tanta que não raro eram consultadas pelos maridos antes de tomadas de grandes decisões, embora sua vida pública fosse controlada e vigiada. Contudo, para atingir tal *status*, a alemã deveria possuir como características: se fazer respeitar, ser boa mãe e boa filha, ter uma sexualidade restrita ao casamento, bem como ser econômica e comedida (PEDRO, 2006, p. 289); mas, é claro, que esse ideal feminino-alemão não era observado em todas as imigrantes, era apenas a regra, o esperado; contudo, havia as exceções. Entre essas poderíamos citar Jacobina Maurer, nascida Mentz, que ao final deste mesmo século iria liderar uma seita messiânica dentro da colônia alemã de Padre Eterno.

Jacobina, nascida em 1841/42 (?), era filha de André Mentz e Maria Elisabeth Müller e neta de Libório Mentz e Madalena Ernestina Lips, que chegaram ao Brasil em 1824, com a primeira leva de imigrantes alemães, fugidos de Tambach, na Turíngia, devido a perseguições que sofriam por terem abandonado junto com outras famílias a Igreja e formado uma comunidade de culto independente. (SCHULTZ, 2003, p. 8)⁴

Informação que nos é pertinente, pois em 1870, no morro do Ferrabrás, na colônia de Padre Eterno, Jacobina, casada com o curandeiro João Jorge Maurer, iniciaria suas reuniões para leitura da Bíblia, fundando ali uma seita.

É a história dessa mulher que será retratada na ficção de Assis Brasil. Há várias versões sobre o episódio *Mucker*, bem como sobre a líder deles, o autor da obra **Videiras de Cristal** optou por uma das interpretações feitas sobre Jacobina Maurer e é

exatamente esse ponto que nos interessa mais profundamente, ou seja, ao transportar um fato e uma personagem históricos para a ficção, o autor também escolheu de que maneira faria isso, dessa forma, Jacobina seria representada como mártir ou aliciadora?

A obra possui em sua maior parte um narrador heterodiegético e este apresenta a história ao narratário através de focalizações diferentes, ora com os representantes dos “impuros”, o padre e o pastor; ora com o representante *mucker*, Jacó-Mula. Assim, a visão que se tem de Jacobina Maurer ou é dada pelos seus opositores ou por um adepto que possui problemas mentais. Poucos e escolhidos são os discursos diretos da personagem e mesmo esses foram baseados em textos históricos deixados por seus oponentes. Dessa forma, o que a obra permite conhecer de Jacobina é apenas uma das versões que se tem sobre ela e justamente a visão da História oficial, ou seja, aquela que se lê nos livros didáticos e nos manuais de História: Jacobina foi uma mulher adúltera, transgressora e manipuladora.

No início do romance, quando temos a apresentação de Christian Fischer, ainda na Alemanha, em uma conversa com o tio, ele comenta sobre “a ignorância [dos médicos] do verdadeiro mal” no que se refere à histeria:

(...) os homens, por não conhecerem as mulheres, imaginam filtros, convulsões vaporosas e um total mistério, tudo isso provindo do útero, que não é senão o órgão feminino da reprodução humana. (BRASIL, 1997, p. 17)

A primeira descrição de Jacobina que temos no romance de Assis Brasil, feita pelo narrador heterodiegético, é a de uma mulher fisicamente frágil e debilitada, porém de personalidade incisiva, como se verifica neste excerto:

FrauMaurer tinha um perfil suave e pálido, e estava deitada sobre a cama ao centro do quarto, os braços caídos sobre o lençol, os olhos fixos no teto. [...] FrauMaurer trazia os cabelos aparados muito baixos, em caracóis dourados que se colavam ao crânio e às têmporas. A lividez do rosto não esmaecia a força dos olhos, brilhantes, azuis e temerários. Ana Maria recuou por instinto. (BRASIL, 1997, p. 24)

Essas características de Jacobina manter-se-ão ao longo da história, a mulher aparentemente fraca e doente, mas cujas ordens nunca eram questionadas dentro do Ferrabrás.

Os surtos de Jacobina tornam-se frequentes e, enquanto ela os atribui ao Espírito Natural, os opositores de sua seita taxam-na como louca, histérica ou ainda de bruxa e embusteira. Percebe-se, portanto, que o fato de uma mulher assumir funções tipicamente masculinas faz dela uma insana natural ou então alguém ligado ao mal. Assim, o fato de o narrador ter apresentado páginas antes a deficiência dos médicos em bem diagnosticar as doenças mentais, faz o leitor refletir sobre a “doença” atribuída a Jacobina. Não sendo ela louca nem histérica, poderia então ser uma falsa profeta ou ainda estar falando a verdade, pelo menos no ponto de vista dela, e ser uma profetiza.

Essa possibilidade, no entanto, não permanece em aberto ao longo do romance, pois o leitor vai tomando ciência dos fatos através da focalização múltipla que o leva a acreditar na tese do embuste, já que fica claro que Jacobina manipula seus adeptos para que esses façam aquilo que ela deseja, em uma clara necessidade de buscar atenção e prestígio, como é possível lermos no discurso indireto do “pastor” Klein, cunhado de Jacobina e que acompanhava de perto suas pregações:

Ela não o ouvira, deixando-se cada vez mais enredar-se pelos delírios pagãos do Espírito Natural, consumindo-se em um amor abjeto e adúltero, mandando seus fiéis à luta, sem consideração pelas vidas humanas que punha em risco. (BRASIL, 1997, p. 368)

Observemos que no início da obra, ela se vê como veículo do Espírito Natural, ou seja, da ação de Deus, mas com o passar do tempo narrativo, ela começa a se denominar como reencarnação do próprio Cristo, isso dá as suas ordens um caráter divino e inquestionável, como se observa nos trechos da obra que seguem:

Porque o senhor falava a Jacobina e Jacobina falava a Ele; uma comunhão perfeita entre o Espírito e a Carne, entre a Divindade e o Homem. Ela, Jacobina, não era nada, ninguém, uma pobre-coitada como todos os que se ajoelhavam e sofriam naquela sala. Mas por um especial dom, só compreensível pela extrema generosidade de Deus, ela ouvia de Deus tudo o que Ele queria dizer aos homens; confiassem nela, ainda que sua presença e sua voz de mulher parecessem tão fracas. (BRASIL, 1997, p. 98-99)

O *apóstolo* Mateus abriu os braços, os olhos suspensos em Jacobina:
- Jacobina, você é Jesus Cristo!
- Sou o que você diz que eu sou. [...]
(BRASIL, 1997, p. 152)

Essa é a versão do autor da obra: Jacobina é uma mulher perspicaz e manipuladora que convence a todos de seus poderes sobrenaturais, os quais eram reais aos “insanos” que a seguem de maneira cega, como se pode ver através do discurso direto e da narrativa do ponto de vista de Jacó-Mula que seguem:

“[...] Onde você acha que vai acabar isso?” Tio Fuchs coçou a barba branca: - “Onde você quiser, Jacobina. Sua voz é muito mais forte do que imagina. Esse povo que você vê aqui seguirá você para onde você mandar. Inclusive eu”. (BRASIL, 1997, p. 131)

Como um arrepio, Jacó-Mula percebeu que a mulher não pousava mais no piso, alçava-se num movimento suave e contínuo em direção ao teto estranhamente aberto [...]. E ela sorria, desejosa de abandonar este mundo pecador e perverso. [...] Dentre as nuvens então soou a voz grave e antiga do Senhor, vinda desde a eternidade das eras:

ESTA É MINHA FILHA MUITO AMADA, NELA EU PUS TODA MINHA BENEVOLÊNCIA. (BRASIL, 1997, p. 157)

Entre todas as versões históricas sobre Jacobina, apenas duas não a colocam como bruxa, embusteira ou prostituta: **As santas prostitutas** (1984), de Augusto Fagundes e **Conflito Social no Brasil: a revolta dos Mucker**(1978), de Janaína Amado, que veem na líder dos *muckers* uma mulher à frente de seu tempo, com carisma e capacidade de liderança. Esse pensamento é endossado pela também pesquisadora do episódio *mucker*, Elma Sant’ana (1985, p. 23)⁵:

É claro que os adversários a brincarão com outra espécie de nomenclatura, acusando-a de tara, prostituição, devassidão e o que mais se pode dizer de uma mulher, semi analfabeta, que em vez de estar em casa, cuidando dos filhos e cozinhando, resolve assumir o papel de agente divina na terra. Jacobina incomodava porque também fugia aos padrões da colona da época.

A obra de Janaína Amado, usada como material de consulta pelo autor, descobri, por exemplo, a tese do adultério de Jacobina e das orgias no Ferrabrás, bem como apresenta uma líder social maior que a suposta líder dos conflitos.

Não cabe a este trabalho julgar as bases históricas das pesquisas dessa autora e nem afirmar se são mais ou menos verídicas do que outras apresentadas, mas sim apresentar as possibilidades de leitura do episódio que chegaram às mãos do autor de **Videiras de Cristal**, ou seja, Assis Brasil não usa esse material de estudo como base na

construção da personagem Jacobina contando, por exemplo, uma versão a partir do fato de ela ter sido mais vítima do que mentora da guerra, apresentando-a como uma mulher com ideias inovadoras para a época. Ele apresenta Jacobina como fizeram a maioria dos livros de História e outros escritores que o antecederam: como uma mulher manipuladora e embusteira.

A obra em análise apresenta dados novos como personagens fictícios e discursos diretos, por exemplo, mas mantém a linha narrativa ligada à historiografia conservadora dos autores que simplesmente condenaram Jacobina, dando a ela a mesma “voz” que a História oficial reservou, isto é, Assis Brasil não consegue ver o episódio que narra através da “experiência feminina” como pregam as teóricas feministas sobre a questão da autoria. Ou como afirmariam as críticas brasileiras Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão⁶:

A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível. (CASTELLO BRANCO, 2004, p. 11)

Ao encontro dessa perspectiva aparecem duas outras personagens femininas que se tornam relevantes na história de **Videiras de Cristal**, Ana Maria Hofstätter e Elisabeth Carolina Mentz, criada pessoal e cunhada de Jacobina, respectivamente. Ambas terão destino típico das mulheres “monstros” do cânone da literatura, ou seja, a transgressão punida com a loucura e/ou a morte prematura.

Ana Maria é escolhida por João Jorge para cuidar de Jacobina, agora que seus surtos tornavam-se frequentes, e de seus três filhos, além de cuidar da casa do casal, ela perscrutou a intenção do pai, que não poderia ver com bons olhos o fato de a filha tornar-se uma criada, mas cedeu à premência de dinheiro e à circunstância [...] de que ela partilharia a intimidade de uma casa cujo chefe se notabilizava em toda a colônia. (BRASIL, 1997, p. 19)

A partir daí, Ana Maria deixa definitivamente a casa dos pais para dedicar-se à família de Jacobina, o que selaria seu destino.

Ana Maria torna-se uma criada muito dedicada no cuidado com os filhos de Jacobina e com a própria Mutter. Tamanha dedicação leva a criada a nutrir um amor incondicional por sua FrauMaurer, a ponto de ela esvaziar-se enquanto indivíduo para se converter em uma extensão de Jacobina, prestativa e submissa. Como é possível ler no excerto a seguir:

Sentiu uma imediata onda de frio, um suor à raiz dos cabelos: percebia bruscamente a extensão de seu amor pela FrauMaurer, um novo afeto que tomava conta de suas ações, dominava sua vida por inteiro. (BRASIL, 1997, p. 57)

As palavras de Jacobina tornam-se verdades indiscutíveis aos olhos de Ana Maria. Assim, quando as pregações da Mutter começam a incomodar as autoridades locais e muitas pessoas afastam-se do Ferrabrás temendo essa repercussão, Ana Maria enfrenta e abandona seus pais para permanecer ao lado de sua senhora, pois acredita firmemente que o Espírito Natural age através de Jacobina, como se lê no trecho que segue:

(...) o pai a chamara para o lado e dissera-lhe que ela estava no mau caminho, envolvida com os Maurer [...] o pai não lhe deu oportunidade de falar: disse que era escolher, ou ficava com Jacobina de vez ou retornava logo para casa [...] Voltou para o Ferrabrás com o

coração em tiras, mas achando que fizera o que deveria ter feito.
(BRASIL, 1997, p. 94)

A partir dessa decisão, o rumo da personagem Ana Maria passaria a ser outro. Até o momento em que esteve junto a Jacobina como sua criada pessoal, seu destino parecia ser o mesmo de sua melhor amiga Ana Sehn: casar e constituir uma família dentro dos costumes alemães e da religião da família, como fizeram seus pais. Ana Sehn, que não era próxima à Mutter, embora participasse dos seus cultos, casa-se com Guilherme Gaelzer e com ele tem um filho que, inclusive, sobreviverá ao massacre que está por vir, como um símbolo do amor “sagrado e puro” entre eles.

Quanto a Ana Maria, após escolher permanecer ao lado de Jacobina quando a “guerra” se instala no Morro do Ferrabrás, passa a ter uma vida cheia de dor e desilusões, como uma metáfora do que aconteceria aos adeptos da nova seita.

A criada de Jacobina é estuprada por dois homens justamente quando voltava de uma tentativa de visitar seus pais, que não a recebem. Esse acontecimento parece um castigo por sua escolha, abandonar sua família e seguir a Mutter. Até o local onde a violação acontece é simbólico, pois foi embaixo de uma cruz na qual estava escrito: “*Mann, rettedeineseele*”¹ (BRASIL, 1997, p. 136). A perda de sua virgindade coincide com a perda de sua ingenuidade, principalmente, em relação aos acontecimentos no Ferrabrás e às ações de Jacobina, como é possível depreender do trecho que segue:

(...) ali se iniciava uma nova existência. Com a inútil virgindade, ia-se também a infância e a juventude, entrava à força no mundo áspero e sem sonhos das pessoas vividas. (BRASIL, 1997, p. 136)

A partir de então, Jacobina desmistifica-se aos olhos de Ana Maria, que começa perceber os jogos de manipulação da Mutter e, aos poucos, passa a desconfiar de uma relação adúltera entre FrauMaurer e Rodolfo Sehn.

Ana Maria apaixonou-se por Haubert, um jovem que vive como tio, um dos “apóstolos” de Jacobina, no Morro do Ferrabrás. Tendo seu amor correspondido, a criada volta a sonhar com uma “vida digna” novamente, ou seja, a salvação de uma mulher está nas mãos de um homem, principalmente quando esse aceita se casar com ela. Contudo, o jovem, que é órfão, volta a viver por ordem da justiça, com seu tutor legal, entre os “ímpios”, e passa a contar às autoridades sobre as reuniões no Ferrabrás, falando inclusive sobre a relação de Jacobina e Rodolfo. Com um pedido indireto, mas claro, Jacobina ordena a morte de Haubert, o que leva Ana Maria a odiá-la e a jurar, em silêncio, vingar-se de sua senhora, ao mesmo tempo em que questiona sua própria cegueira:

Onde ela estava que se submetera à vontade dos outros, sem pensar, sem levantar a voz? Ah, senhora! Ah, senhora que tece com seus amoráveis fios uma teia de destruição à sua volta: quem lhe deu esse direito? (BRASIL, 1997, p. 334 – grifos nossos)

De forma interessante, Assis Brasil, apresenta nesse trecho, por meio dos pensamentos de Ana Maria, duas metáforas recorrentes na literatura feminina: a da **voz** e a do **tecer**. A voz que à mulher foi negada durante séculos (seja na literatura, seja socialmente) e a ideia do tecer, ação que vinha dar à mulher justamente o poder que sua fala não possuía, pois pela costura e pelo bordado as mulheres podiam expressar-se. A partir disso, pode-se imaginar que Ana Maria tomaria as rédeas de sua vida, escolhendo seu próprio caminho; contudo, não é o que acontece. Ela vai percorrer exatamente o

¹ Homem, salve sua alma. (tradução nossa)

mesmo percurso de outras personagens femininas que ousaram transgredir alguma regra ou o esperado, chamadas na crítica feminista de “mulher monstro”.

Assim, Ana Maria assumia o destino da “transgressora”, ou seja, aquela que ao “escolher” fugir aos padrões esperados para sua época e/ou sociedade passa a ser alguém que precisa ser punido. Tal mulher, segundo Virginia Woolf, é normalmente levada ao suicídio, à exclusão ou à loucura, como resultado por sua insubordinação. A criada de Jacobina não foge a este final, segue a Mutter até o fim e, após vingar-se dela matando Leidard, a filha da fé, morre pelas mãos dos soldados do Império que dizimavam a seita do Ferrabrás.

Final ainda mais trágico espera por Elisabeth Carolina, outra personagem feminina bastante relevante dentro da obra de Assis Brasil. Casada com Henrique Mentz, irmão de Jacobina, Elisabeth Carolina mantém um romance extraconjugal com João Lehn, inspetor de quartirão. Apresenta-se como uma mulher corroída pela culpa, que aumentará ao longo da obra e fará com ela se entregue a um final punitivo típico dado na literatura às adúlteras: a morte.

Logo no início da obra, João Jorge descobre o envolvimento amoroso de Elisabeth Carolina e João Lehn, flagrando os dois, que se encontravam no meio da mata, entre a casa de Elisabeth e Jacobina. A partir daí, a culpa e o remorso que sentia passam a dominá-la e nada que faça parece diminuir esses sentimentos, que são agravados pela humilhação que sente em ter que se submeter a outro homem, como é narrado no trecho bastante simbólico, que segue:

Elisabeth Carolina experimentou mais uma vez a repugnante ação de prostrar-se aos pés de um homem, agora em agradecimento comovido. E ao beijar os sapatos grossos, aspirando o odor de couro e das folhas podres do chão, desejou morrer. O desespero, o rancor, a paixão e o medo eram demasiados para a sua pequena existência. Ao erguer-se pelo braço forte de João Jorge, tinha uma certeza: daqui por diante, não era mais dona de sua vida. (BRASIL, 1997, p. 35 – grifos nossos)

Por medo e por culpa, muito mais do que pelo seu desejo enquanto mulher, Elisabeth Carolina decide romper com João Lehn, no entanto, ela continua sofrendo com o remorso, pois sente o julgamento nos olhos de todos que a cercam, como é possível observar:

Os olhos deles, porém, são ferros candentes que rompem as pupilas e rasgam as entranhas. Todos sabem do meu pecado, devem saber. E quem não sabe, imagina; talvez multipliquem por dez, por mil, as vezes que traí. (BRASIL, 1997, p. 227)

Há outra passagem da obra também bastante interessante do ponto de vista das teorias feministas, Elisabeth Carolina é hostilizada por outras mulheres, julgada e condenada por adultério por aquelas que deveriam compreender seu mundo e seus motivos. Ela é salva pelo Pe. Münsch, que impede que a machuquem mais, como Jesus fez na famosa cena Bíblica do apedrejamento de Madalena, acusada de prostituição:

-Você não é a esposa do Henrique Mentz? É sim, eu conheço você. – A outra riu e depois disse, as mãos na cintura: - Claro, é a amante de João Lehn. –E ficando séria: - Uma puta. – Rápida, deu-lhe uma bofetada. Elisabeth Carolina dobrou o corpo, soltou um gemido. (BRASIL, 1997, p. 422)

A única pessoa que aceita Elisabeth Carolina e a perdoa é Jacobina. Nesse caso, o autor leva o leitor a creditar isso ao fato de FrauMaurer ser amante de Rodolfo Sehn. Embora ninguém tenha coragem de verbalizar isso dentro da seita, ou mesmo de julgar as atitudes de Jacobina, o fazem a todo momento com sua cunhada, provando mais uma

vez o poder que aquela exercia sobre seus fiéis. Contudo, quando Henrique Mentz descobre a traição da esposa, ela não suporta seu desprezo e, corroída pela culpa, Elisabeth Carolina vai “ao encontro de seu Destino”, como coloca Assis Brasil, ou seja, ao suicídio:

Seu corpo, o que foi seu corpo? Um precário engenho de fazer filhos, trabalhar na roça, amassar o pão, lavar a roupa na tina e, em momentos de fantasia, doar-se ao prazer fortuito e sem amor dos homens (...). Seu corpo, podre, inútil, ansiando por desfazer-se. Cabe a ela levá-lo ao encontro de seu Destino. (BRASIL, 1997, p.469)

Quando a luta armada se instala no Ferrabrás, Elisabeth Carolina busca o perdão através do Pe. Münsch, que diz que não pode lhe confessar, pois ela não é católica. Levada ao desespero pela dor, decide lutar na frente contra as tropas imperiais, entregando-se aos tiros que a libertarão:

(...) ela sabe que apenas uma bala virá repor a ordem do Mundo. E sabe que, neste exato momento, esta bala dorme no tambor de algum revólver. Imagina a forma do projétil, o volume, a cor do chumbo, e essa idéia a conforta. Só mais um pouco de paciência, nada mais. (BRASIL, 1997, p. 469)

(...) uma figura de mulher corporifica-se dentre neblinas da capoeira, agarrando a cabeça, gritando como uma louca. Um tiro a atinge, ela arqueia-se para frente, solta um grito de dor, cai. Quando acha forças para arrastar-se pelo barro, um novo tiro a imobiliza. (BRASIL, 1997, p. 475)

Conclusão

Segundo a crítica feminista, a mulher, enquanto personagem ficcional ao longo dos séculos, é um construto criado e difundido pela ambivalente visão masculina sobre o **ser mulher**, essa ou é "anjo" ou "monstro", ou segue os padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal ou está fora dessa. Muitas são as personagens femininas que, na literatura canônica, que se lê também como literatura feita pelos homens, encontram sua punição ou “redenção” pelo adultério através do suicídio e/ou da morte prematura, tais como, Emma Bovary, de Flaubert ou Luísa, de Eça de Queirós. O que Assis Brasil não alterou na criação de suas personagens.

Portanto, para esses autores, o único “final feliz” possível para uma “mulher monstro”, como Ana Maria, Elisabeth Carolina e Jacobina, por exemplo, é o fim trágico. Os escritores realistas, assim como Assis Brasil, não conseguem propor uma saída para essas mulheres que não essa, que aparece muito mais como punição do que como fuga do conflito que as cerca, com isso, a mulher continua sem outras possibilidades de “destino”: ou segue os padrões estabelecidos pelos homens para elas, ou são “apedrejadas” até a morte.

Referências bibliográficas

- 1] COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- 2] BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Videiras de cristal**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- 3] PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 278-321.

- 4] SCHULTZ, Adilson. Descrição cronológica do episódio Mucker. **Protestantismo em revista**: dossiê sobre os muckers. São Leopoldo, vol. 2, ano 2, n^o 1, jan-dez 2003, p. 8-15.
- 5] SANT'ANA, Elma. **Jacobina Maurer**. Porto Alegre: RBS, 1985.
- 6] CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Silvano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

ⁱ Ludmila Giovanna RIBEIRO DE MELLO, doutoranda.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* de Araraquara.
Programa de pós-graduação em Estudos Literários.
ludmilagi@ig.com.br